

O PLANO DIVINO DA SALVAÇÃO

A História da Aliança entre Deus e a Humanidade

INTRODUÇÃO

A Sagrada Escritura apresenta uma profunda unidade interna. Embora composta por diversos livros, autores, épocas e contextos históricos, ela narra uma única história: a história do amor de Deus pela humanidade. Essa história recebe tradicionalmente o nome de História da Salvação. Trata-se do projeto pelo qual Deus cria o homem para a comunhão consigo, respeita sua liberdade, não o abandona após o pecado e conduz progressivamente toda a criação à sua plenitude em Jesus Cristo.

Após a Ressurreição, o próprio Senhor revelou essa chave de leitura aos discípulos ao afirmar que era necessário que se cumprisse tudo o que estava escrito sobre Ele “na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24,44). Dessa forma, toda a Escritura converge para Cristo e encontra nele sua plena realização (DV 15-16).

1. O PLANO DIVINO DA SALVAÇÃO

O plano da salvação nasce da iniciativa amorosa de Deus. Antes mesmo da criação do mundo, Deus desejou comunicar sua própria vida às criaturas. A Bíblia inteira testemunha esse projeto divino de comunhão, cuja expressão mais profunda encontra-se na Aliança.

Por isso, a história bíblica não é simplesmente uma sucessão de acontecimentos religiosos. Ela constitui a narrativa da fidelidade de Deus, que continuamente busca restaurar a comunhão rompida pelo pecado. O Evangelho de João resume admiravelmente esse plano ao afirmar: “Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Toda a História da Salvação pode ser compreendida à luz dessa afirmação.

2. O HOMEM CRIADO PARA A ALIANÇA

O relato da criação apresenta o ser humano como o ápice da obra divina (Gn 1,26-31). Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem foi chamado desde o princípio à amizade com seu Criador.

O Catecismo da Igreja Católica ensina que o primeiro homem foi criado em um estado de justiça original, vivendo em harmonia com Deus, consigo mesmo, com os outros e com toda a criação (CIC 374). Essa condição manifesta a vocação fundamental da humanidade: viver em comunhão com Deus.

A criação, portanto, não é apenas o início da existência humana. É o início de uma relação de amor e amizade que Deus deseja estabelecer com suas criaturas.

3. A RUPTURA DA ALIANÇA

A liberdade humana, entretanto, tornou possível a rejeição da proposta divina. O relato do pecado original (Gn 3,1-24) descreve simbolicamente a ruptura dessa amizade primordial.

Ao desejar tornar-se autossuficiente e independente de Deus, o homem rompe a Aliança e introduz na história o pecado, o sofrimento e a morte. A harmonia original é perdida. A relação com Deus torna-se marcada pelo medo; a relação entre os seres humanos passa a conhecer o conflito; a própria criação sofre as consequências da desordem introduzida pelo pecado.

São Paulo resume essa realidade afirmando: “Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte” (Rm 5,12). Entretanto, o pecado não possui a última palavra na história humana.

4. O PROTOEVANGELHO

Logo após a queda, Deus anuncia a primeira promessa de redenção. Dirigindo-se à serpente, declara: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a descendência dela” (Gn 3,15). A tradição cristã reconhece nesse texto o Protoevangelho, isto é, o primeiro anúncio da futura vitória de Cristo sobre o pecado e o mal (LG 55).

A descendência da mulher será aquela que esmagará a cabeça da serpente. A interpretação cristã vê nessa promessa uma referência ao Messias futuro e, ao mesmo tempo, à participação singular de Maria na obra da redenção. Assim, a história da salvação começa no exato momento em que o homem experimenta a queda. A misericórdia divina manifesta-se imediatamente.

5. AS TÚNICAS DE PELE

Pouco depois do Protoevangelho, a narrativa bíblica apresenta um gesto profundamente significativo: “O Senhor Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele e os vestiu” (Gn 3,21).

São Gregório de Nissa interpreta alegoricamente essas túnicas como um sinal da providência divina diante da nova condição humana. Embora expulso do paraíso, o homem não é abandonado por Deus. Segundo essa leitura patrística, as túnicas representam três dons concedidos para preservar a dignidade humana e preparar sua futura restauração.

A primeira túnica é a razão, mediante a qual o homem continua capaz de discernir o bem e o mal (Gn 3,22). A segunda é a descendência, por meio da qual será transmitida a promessa da redenção (Gn 3,15). A terceira é a morte, que limita os efeitos do pecado e prepara o caminho para a futura ressurreição (Gn 3,19). Dessa forma, as túnicas tornam-se sinal da misericórdia divina e do início da grande obra de restauração da Aliança.

6. OPERAÇÃO RESGATE: DEUS DESEJA RESTITUIR A ALIANÇA

6.1. *Um casal = Adão e Eva*

A primeira aliança envolve toda a criação. Seu sinal é o sábado (Gn 2,1-3), dia santificado por Deus após a conclusão da obra criadora. O repouso sabático recorda que a criação pertence ao Senhor e que o homem encontra sua verdadeira plenitude na comunhão com Ele.

6.2. *Uma família = Noé*

Após o dilúvio, Deus estabelece uma nova aliança com Noé e com toda a humanidade (Gn 9,8-17). O arco-íris torna-se o sinal visível dessa aliança (Gn 9,13), manifestando a fidelidade divina e seu compromisso permanente com a preservação da vida. A partir desse momento, a história da salvação adquire uma dimensão universal.

6.3. *Um clã = Abraão*

Com Abraão inicia-se uma nova etapa do plano salvífico. Deus chama um homem concreto para fazer dele pai de um povo e instrumento de bênção para todas as nações (Gn 12,1-3). A promessa inclui três elementos fundamentais: terra, descendência e uma bênção universal. A circuncisão torna-se o sinal da aliança (Gn 17,10-14). A partir de Abraão, toda a história de Israel será orientada para a preparação da vinda do Messias.

6.4. *Um povo = Moisés*

No Sinai, Deus estabelece uma aliança com todo o povo de Israel (Ex 19-24). A Lei torna-se a expressão concreta dessa relação: “Sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6). Os Dez Mandamentos e o Código da Aliança não representam apenas normas jurídicas, mas o caminho de fidelidade ao Deus libertador.

6.5. *A humanidade inteira: a Nova Aliança*

Os profetas anunciam uma aliança definitiva que superará os limites das alianças anteriores. Jeremias proclama: “Firmarei com a casa de Israel uma nova aliança” (Jr 31,31). Ezequiel acrescenta: “Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo” (Ez 36,26). A característica essencial dessa nova aliança será a interiorização da Lei e a ação transformadora do Espírito Santo.

7. CRISTO, PLENITUDE DA ALIANÇA

Ao longo de toda a história bíblica, Deus foi preparando progressivamente a humanidade para a salvação. As alianças estabelecidas com Adão, Noé, Abraão e Moisés apontavam para uma realidade maior que ainda estava por vir. Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho ao mundo (Gl 4,4) para realizar definitivamente aquilo que havia sido prometido.

Em Jesus Cristo, todas as figuras e instituições do Antigo Testamento encontram seu cumprimento. Ele é o verdadeiro Templo, pois é nele que Deus habita entre os homens (Jo 2,19-21). É o Sumo Sacerdote perfeito, porque oferece ao Pai o sacrifício definitivo pela salvação da humanidade (Hb 7,26-27). É também o Altar sobre o qual esse sacrifício é oferecido e o Cordeiro que tira o pecado do mundo (Jo 1,29), entregando sua própria vida pela redenção de todos.

Por isso, a Carta aos Hebreus afirma que Cristo é o "mediador de uma aliança superior" (Hb 8,6). Nele, Deus não apenas restaura a amizade perdida pelo pecado, mas eleva o ser humano a uma comunhão muito mais profunda. Pela morte e ressurreição de Cristo, os homens são chamados a participar da própria vida divina e a tornar-se filhos de Deus no Filho (Jo 1,12; Gl 4,4-7).

8. CARACTERÍSTICAS DA NOVA E ETERNA ALIANÇA

A Nova Aliança realizada por Cristo possui características que a distinguem de todas as alianças anteriores. Em primeiro lugar, ela é universal. Enquanto as antigas alianças estavam ligadas a uma família, um clã ou um povo específico, a Nova Aliança é destinada a toda a humanidade. Por isso, Jesus envia seus discípulos a todas as nações (Mt 28,19).

Outra característica é que ela não está escrita em tábuas de pedra, mas nos corações dos homens pela ação do Espírito Santo (Jr 31,33; Ez 36,26-27). A relação com Deus deixa de ser apenas exterior e torna-se uma transformação interior da pessoa.

Além disso, essa Aliança fundamenta-se no sacrifício perfeito de Cristo. Os antigos sacrifícios de animais precisavam ser repetidos continuamente; o sacrifício de Jesus, porém, é único, definitivo e suficiente para a salvação de todos (Hb 10,10-14).

A Nova Aliança continua presente na Igreja através dos sacramentos. Por meio deles, a graça conquistada por Cristo alcança concretamente os fiéis ao longo de toda a vida, desde o Batismo até a passagem para a eternidade.

Finalmente, a Nova Aliança está orientada para a vida eterna. Deus não deseja apenas restaurar a condição original do homem, mas conduzi-

lo à participação plena em sua glória. Como afirma o Evangelho de João: "Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16).

Assim, a Igreja reconhece em Cristo e na Nova e Eterna Aliança o cumprimento definitivo de todas as promessas feitas por Deus ao longo da História da Salvação.

9. TENTATIVAS HUMANAS DE RESTAURAR A ALIANÇA

Apesar de tantas ofertas amorosas de comunhão e Aliança por parte de Deus, muitas vezes o ser humano procurou encontrar por si mesmo caminhos para chegar até Deus, confiando mais em suas próprias forças do que na graça divina.

Uma dessas tentativas é a religiosidade natural, presente quando a pessoa busca relacionar-se com o sagrado movida principalmente pelo medo, pela superstição ou pela necessidade de obter favores divinos. Embora revele um desejo legítimo de Deus, ela permanece limitada e incapaz de conduzir à plena comunhão com Ele.

Outra tentativa é o fideísmo, que reduz a fé a um sentimento ou a uma crença sem fundamento racional. Nesse caso, a fé deixa de ser uma resposta livre e consciente à revelação de Deus e torna-se apenas uma experiência subjetiva.

Também existe o chamado "bonismo", isto é, a ideia de que a salvação pode ser alcançada simplesmente por meio das boas obras ou do esforço moral. Embora a prática do bem seja indispensável à vida cristã, ela não é suficiente para restaurar a amizade com Deus rompida pelo pecado.

Todas essas tentativas contêm elementos positivos, mas permanecem insuficientes. A Aliança não é fruto de uma conquista humana, mas um dom gratuito de Deus. Por isso, a plena reconciliação entre Deus e a humanidade só se torna possível através de Jesus Cristo, mediador da Nova e Eterna Aliança, que comunica aos homens a graça necessária para participarem da própria vida divina (Hb 8,6; Ef 2,8-9).

10. A IGREJA E A CONTINUIDADE DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Com a morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, o plano divino da salvação alcança sua realização decisiva. Entretanto, a obra da redenção não termina com o retorno de Cristo ao Pai. Antes de subir aos céus, o Senhor confiou aos Apóstolos a missão de anunciar o Evangelho a todas as nações e de fazer discípulos de todos os povos (Mt 28,19-20). Essa missão continua na Igreja, que nasce de modo visível no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo é derramado sobre os discípulos reunidos em Jerusalém (At 2,1-13).

A Igreja é, portanto, a continuadora da missão de Cristo na história. Ela não anuncia uma mensagem própria nem oferece uma salvação diferente daquela realizada pelo Senhor. Sua missão consiste em tornar presente, em cada tempo e lugar, a Nova e Eterna Aliança estabelecida por Cristo. Como ensina o Concílio Vaticano II, a Igreja é, em Cristo, "como que o sacramento, ou seja, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG 1).

A ação da Igreja dirige-se à pessoa humana em sua totalidade. A salvação oferecida por Cristo não se limita a uma dimensão da existência, mas abrange a totalidade do ser humano. Em base a essa visão integral da pessoa humana, a Igreja procura conduzir cada homem e cada mulher à plena comunhão com Deus.

11. PASTOREANDO O SER HUMANO NA SUA INTEGRIDADE

A missão da Igreja consiste em conduzir o ser humano ao encontro com Deus e à plena realização de sua vocação cristã. Para isso, sua ação pastoral não se dirige apenas a uma dimensão da pessoa, mas ao homem inteiro. A salvação oferecida por Cristo abrange toda a existência humana e procura restaurar aquilo que foi ferido pelo pecado.

São Paulo expressa essa visão integral ao desejar aos cristãos de Tessalônica: "Que o vosso ser inteiro, espírito, alma e corpo, seja conservado irrepreensível para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 5,23).

A tradição cristã compreende que o ser humano possui uma dimensão corporal, uma dimensão psicológica e racional, e uma

dimensão espiritual aberta à comunhão com Deus. Por isso, a evangelização autêntica busca promover o crescimento harmonioso de todas essas dimensões, ajudando cada pessoa a viver segundo o projeto de Deus revelado em Cristo.

12. PARA GUIAR A ALMA, O ESPÍRITO E A MENTE

Para realizar essa missão, a Igreja recebeu de Cristo diversos meios que permitem acompanhar o crescimento integral da pessoa humana. Esses meios não atuam de forma isolada, mas complementam-se mutuamente na condução do cristão à maturidade da fé.

Alguns desses meios dirigem-se especialmente à inteligência e à vontade, ajudando a conhecer a verdade e a praticar o bem. Outros alimentam diretamente a vida espiritual por meio da graça divina. Há ainda aqueles que contribuem para a formação humana e para a construção de uma vida social inspirada pelos valores do Evangelho.

Dessa forma, a Igreja continua a obra salvadora de Cristo, procurando formar discípulos capazes de viver plenamente sua fé no mundo.

13. PARA GUIAR A MENTE

A formação da inteligência ocupa um lugar importante na vida cristã. Deus deseja ser amado não apenas com o coração, mas também com toda a mente (Mt 22,37). Por isso, a Igreja procura iluminar a inteligência humana através do anúncio da fé e da formação moral.

O primeiro passo é o querigma, isto é, o anúncio fundamental do Evangelho. Por meio dele proclama-se que Deus ama a humanidade, que Cristo morreu e ressuscitou para a salvação de todos e que cada pessoa é chamada à conversão e à fé. A catequese, por sua vez, aprofunda esse primeiro anúncio, conduzindo o cristão a um conhecimento mais sólido da doutrina, da moral, da oração e da vida sacramental da Igreja (Mt 28,19-20).

Além da formação doutrinal, a Igreja promove a vida das virtudes. As virtudes teologais — fé, esperança e caridade — orientam diretamente o cristão para Deus (1Cor 13,13). As virtudes cardeais — prudência, justiça, fortaleza e temperança — ajudam a ordenar a vida moral e a

praticar o bem de maneira constante. Assim, a inteligência aprende a reconhecer a verdade e a vontade fortalece-se para realizar aquilo que é bom.

14. PARA GUIAR O ESPÍRITO

A vida espiritual necessita de um alimento que ultrapassa as capacidades humanas. Por isso, Cristo confiou à Igreja os sacramentos, sinais eficazes da graça que comunicam a vida divina aos fiéis.

Por meio do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, o cristão é introduzido e fortalecido na vida da graça (Mt 28,19; Lc 22,19-20). Pela Reconciliação e pela Unção dos Enfermos, experimenta a misericórdia e a força de Deus (Jo 20,22-23; Tg 5,13-15). Os sacramentos da Ordem e do Matrimônio colocam-se a serviço da comunhão e da missão da Igreja.

Ao lado da vida sacramental, a Igreja oferece a formação espiritual, que ajuda a pessoa a crescer progressivamente na amizade com Deus. A tradição cristã costuma descrever esse crescimento através das três vias da vida espiritual. A via purgativa corresponde ao esforço de afastar-se do pecado e ordenar a própria vida. A via iluminativa caracteriza-se pelo crescimento nas virtudes e no conhecimento de Deus. A via unitiva corresponde à maturidade espiritual, quando a pessoa vive em profunda comunhão com o Senhor e procura conformar toda a sua existência à sua vontade (Lc 9,23; Sl 34,15).

15. PARA GUIAR O CORPO

A salvação cristã não despreza a dimensão humana e corporal da existência. Pelo contrário, a encarnação do Filho de Deus manifesta a dignidade da pessoa humana em sua totalidade. Por isso, a Igreja preocupa-se também com a formação humana de seus membros.

Essa formação procura favorecer o desenvolvimento equilibrado da personalidade, das relações familiares, da vida afetiva, da responsabilidade profissional e do compromisso com o bem comum. O Evangelho não afasta o cristão das realidades humanas; ao contrário, ensina-o a vivê-las segundo a vontade de Deus.

Além disso, a Doutrina Social da Igreja oferece princípios para iluminar a vida em sociedade à luz do Evangelho. Questões relacionadas à dignidade da pessoa humana, à justiça social, à solidariedade, ao trabalho, à paz e ao cuidado com os mais necessitados fazem parte da missão evangelizadora da Igreja (GS 1).

Dessa maneira, a Igreja continua na história a grande obra de restauração iniciada por Deus após a queda e plenamente realizada em Jesus Cristo. Sua missão consiste em conduzir o homem inteiro (mente, espírito e corpo) à comunhão com Deus e à participação na vida nova inaugurada pela Nova e Eterna Aliança.]

16. A CONSUMAÇÃO DA HISTÓRIA

A história da salvação ainda não atingiu sua plenitude definitiva. A Igreja vive na expectativa da segunda vinda de Cristo (Ap 1,7), aguardando a consumação do Reino de Deus. O Apocalipse descreve essa realidade através da imagem da Jerusalém celeste (Ap 21-22), enquanto São Pedro anuncia: “Novos céus e uma nova terra” (2Pd 3,13). Nesse momento, toda a criação será renovada e Deus será “Tudo em todos” (1Cor 15,28).

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Toda a Bíblia pode ser compreendida como a narrativa da fidelidade de Deus à Aliança. Desde a criação, passando pela queda, pela promessa da redenção, pelas sucessivas alianças do Antigo Testamento, pela plenitude revelada em Cristo e pela missão da Igreja, a Escritura testemunha um único projeto divino.

Criação, Queda, Promessa, Alianças, Cristo, Igreja, Consumação. Esse itinerário constitui o eixo da História da Salvação. Em seu centro encontra-se Jesus Cristo, mediador da Nova e Eterna Aliança, no qual todas as promessas encontram seu cumprimento definitivo (2Cor 1,20).

Por isso, a leitura da Bíblia não consiste apenas no estudo de acontecimentos passados, mas na contemplação da ação permanente de Deus que continua conduzindo a humanidade à plena comunhão

consigo, até o dia em que o Reino será definitivamente manifestado na glória.